

PROCRASTINAÇÃO

RUBENS NEIVA

'S eu' Jorge Barbosa, dono da Fazenda Rio Vermelho, tinha, enfim, cedido aos apelos da dona Leila e contratado um profissional para gerenciar a propriedade. Ela vivia reclamando que o marido nunca tirava férias e sempre alegava falta de tempo para viajar com ela.

- Quando foi a última vez que a gente viajou junto de férias, Jorge?

- Ô, Leiloca, não dá... a vacada não tira férias.

- Nem no feriado de Nossa Senhora Aparecida, Jorge?!

- E vaca respeita dia santo?

Mas agora, com o gerente cuidando da produção, ia sobrar tempo. Ah, se ia! O Jorge estava impressionado com o dinamismo do sujeito, um rapaz recém-formado em universidade importante. O homem controlava a peãozada com rédea curta. Já no primeiro dia, deu o tom da sua gestão: "Não vamos deixar para depois o que temos de fazer agora! Não vou admitir procrastinação aqui na fazenda!".

Jorge ficou até com pena dos peões, depois saiu de mansinho para buscar num dicionário velho o significado da palavra *procrastinação* e ler para a mulher: "Procrastinação: Substantivo Feminino. Ação ou efeito de procrastinar; deixar para depois; adiar. Característica de adiamento; protelação". Jorge 'tava' impressionado!

Embora o marido continuasse a acompanhar de perto a lida na fazenda – quase uma sombra do gerente – dona Leila era só felicidade. Já estava planejando para os feriados de fim de ano uma viagem ao Nordeste: oito dias passeando entre Maceió e Fortaleza. Mas quando avisou ao marido que iria à agência de viagens comprar as passagens, ele desencantou a mulher:

- Melhor não, Leiloca.

- Como 'melhor não'?! Faz anos que espero por essa viagem!

- O gerente disse que vai 'emendar' o feriado de fim de ano.

- Emendar? E aquela história da 'procrastinação'?! - esbravejou a mulher, aflita.

- Sei lá... coisa de cidade grande.

A literatura de Monteiro Lobato faz, sem querer, uma grande injustiça com o homem do campo. O Jeca Tatu foi concebido pelo escritor para ser um personagem de protesto contra o descaso do Estado em relação ao trabalhador rural. Principalmente com a saúde de quem vivia na roça, distante de qualquer forma de assistência médica.

Para o Jeca Tatu, indolente e procrastinador, nenhum esforço valia a pena. Ele nem precisava de feriados para emendar. Emendava o ano inteiro, sedimentando a pobreza do caipira brasileiro enquanto o imigrante recém-chegado prosperava nas terras férteis do interior do País.

No imaginário popular, Jeca é o retrato do atraso e do desleixo. Para quem desconhece a dureza da lida no campo, o personagem se transformou numa caricatura inocente da preguiça. Caricatura tão bem construída por Lobato que, tantos anos depois, passa despercebido que o Jeca Tatu era um homem doente. Sofria de Amarelão (ancilostomíase), um mal provocado pela lombriga, mais principalmente pela ausência do Estado no interior do Brasil durante séculos.

O fato é que o Jeca se curou (as informações a respeito da saúde e as noções básicas de saneamento têm chegado devagar, mas têm chegado a algumas regiões – em outras, ainda vai levar tempo) e o agronegócio se tornou o grande orgulho nacional. Hoje, preguiça no campo, só na literatura. Se

bem que ... com a proximidade cada vez maior entre campo e cidade, as culturas estão se entrelaçando.

A mania urbana de 'enforçar' a segunda ou a sexta-feira quando o feriado cai na terça ou na quinta contaminou de vez o meio rural. Vamos ter de ensinar as vacas a guardar as datas cívicas e religiosas, além de suas vésperas ou dos dias posteriores. Mas a gente

pode procrastinar isso, fica para 2015. Li em algum lugar que 2014 será um ano com muitos dias comemorativos caindo no sábado ou no domingo. Para a tristeza do Jeca, disseram que até a Sexta-feira Santa vai cair no sábado de Aleluia...

Já acabou o Carnaval? Então agora pode começar... Feliz 2014!!!

O anacronismo da exclamação acima se deve à mania nacional de procrastinar o início do ano novo (e todo o trabalho, responsabilidade e seriedade que um novo ano traz).

Você já ouviu falar: "O ano só começa depois do Carnaval". Do dia 31 de dezembro até a quarta-feira de cinzas, nós ficamos apenas marcando território. Começa, não começa, Meio lá, meio cá, só nos preparando para dar o *start*, virar a chave, ligar o ano.

O motivo da demora em assumir o Ano Novo? Além da nossa mania protelatória, talvez seja algum tipo de pacto coletivo, embora inconsciente, contra o clima; afinal, quem é que consegue trabalhar com esse calor? Na verdade, não aguardamos o Carnaval para começar o ano, mas, sim, a primeira brisa do outono.

Ou, ainda, essa demora tem a ver com a mania sacana do brasileiro de cultuar a festa. Festa por aqui é coisa séria. A gente respeita. Precisa de concentração e preparo. Uma festa grande como o Carnaval exige, no mínimo, dois meses para preparar o espírito.

Enquanto isso, o ano fica de lado...

Agora vai! O Carnaval acabou e 2014 pode começar à vontade.

Uniremos esforços para alavancar nosso produto interno bruto! O agronegócio vai estourar! Vamos, enfim, nos tornar grandes exportadores de lácteos! Agora vai!

Aquele grande projeto pessoal (aquele que cada um tem e que assume como ponto de honra para ser cumprido nos primeiros dias do ano) vai finalmente ser colocado em prática.

Ah, agora vai!!!

- Pera aí... agora, não. Onde já se viu começar o ano numa quarta-feira de cinzas. No meio da semana?! Deixa pra segunda-feira!

- Tá bom, então...

- Não... pera mais um pouquinho. Daqui uns dias tem feriado de Semana Santa... Feriado também é coisa séria. Religioso então, nem se fala. Exige concentração e preparo de espírito. E depois tem o feriado da Inconfidência, coladinho. O

Tiradentes merece todo o nosso respeito.

- Começamos 2014 no dia primeiro de maio, então?

- Nem pensar!!! Primeiro de maio, não! É o Dia do Trabalhador, e essas coisas a gente respeita também! ■



Rubens Neiva, jornalista, é assessor de imprensa da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG.